

AUTORES & LIVROS

Ano III
21/3/1943

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 10
Núm. 10

NOTICIA SOBRE MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA

Manoel Antonio de Almeida nasceu no Rio de Janeiro, filho de Manoel de Almeida e de Josefa Maria de Almeida. Tem havido controvérsia, entre os críticos e os historiadores literários, quanto ao ano de seu nascimento. Joaquim Macedo de Macedo, no seu *Ano Bibliográfico Brasileiro*, deu o ano assado em 1832; Rio Branco (*Efemérides*), Teixeira de Mello (*Efemérides Nacionais*) e José de Carvalho (*Pequena História da Literatura*), seguem a indicação de Macedo. Sacramento Blake o dá como nascido em 1830, e é essa a informação da Academia Brasileira de Letras (v. Fernão Neves, *Academia Brasileira de Letras. Notas e documentos para a sua História*, pag. 168).

Por ser assado, entretanto, não a data de nascimento do escritor foi o ano de 1831. E essa data aceita por Xavier Marques, Afrânio Peixoto, Marques da Cruz, Volga Cabral, Victor Souto e Mario de Andrade. É a data que consta da matrícula de Manoel Antonio de Almeida na Faculdade de Medicina, segundo declara ter verificado Vieira Souto em sua conferência pronunciada no Instituto Histórico, por ocasião da comemoração do Centenário da romancista (*Jornal do Comércio* de 15 de novembro de 1930).

Como quer que seja, Manoel de Almeida era caipoca, e filho de família pauperista. Deve ter sido um menino estúpido e endiabrado, vivendo entre os outros meninos da rua, descurando-se a valer na cidade de costumes simples e pueris, que era o Rio de Janeiro de então. Há, dada por Sacramento Blake e seguida por numerosos outros biógrafos de Almeida, a informação de que ele a princípio tentara estudar-se para o desenhista. Logo desistiu desse intento, porém, tratando de ir estudar Medicina. Em 1850 está matriculado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tudo leva a crer, entretanto, que não é a Medicina a sua paixão. Mario de Andrade, no *Diário* que fez para as *Mémoires de um Sargento de Milícia* (edição da Livraria Martins de S. Paulo, 1941), faz observar que as tendências de Manoel de Almeida parecem muito mais ser para a carreira de Direito do que para a de Medicina. Assim, no romance não aparecem doentes; assim a tese que elaborou ao se fazer doutor em Medicina encerra também uma questão de Direito.

É certo é que, ainda quando estudante de Medicina, Manoel de Almeida já está inteiramente dedicado aos seus trabalhos do homem de letras. Inicia-se muito cedo como jornalista e aos 20 anos realiza a tradução de um drama romântico cristão — *Gondivar* — de Luiz Froebel, publicado na *Tribuna* Carioca.

Em 30 de dezembro de 1849 ele tem o seu diploma de doutor em Medicina, tendo sido colega de turma de Salomão

Souza de Meireles. Defende tese, subordinada às seguintes proposições:

1.ª — A molestia vulgarmente chamada opitação será clorose? Suas causas e tratamento;

2.ª — Da cicuta considerada terapêutica e farmacologicamente;

3.ª — Será mais conveniente que o escravo ou que o próprio médico escreva a seu relatório sobre corpo de delito ou outro qualquer assunto médico-legal? Quais as regras que devem presidir à confecção de um relatório?

Formado, Manoel Antonio de Almeida abandonou a profissão, e é certo que nunca mais pensou na Medicina. Escreveu, entretanto, no *Correio Mercantil*, alguns anos depois, uma série de artigos sobre a *Fisiologia da Voz*.

É no *Correio Mercantil* que ele vai exercer brilhantemente a sua atuação de jornalista e homem de letras. Era o diário fulgurante em que Francisco Otaviano pontificava, e que se constituiria uma das colunas básicas do jornalismo brasileiro. Nela colaborava José de Alencar. Foi ali provavelmente que Manoel Antonio de Almeida teve ocasião de se aproximar do português Antonio Cesar Ramos, que pertenceu posteriormente ao *Diário do Rio*, o que foi quem, segundo informação de Melo Moraes, deu ao romancista as indicações sobre o Rio de Janeiro da época do Sargento de Milícia. No *Correio Mercantil* é que Manoel de Almeida publica em folhetim o seu romance, que se tornou tão famoso, *As Memórias de um Sargento de Milícia*. Publicadas no jornal, logo depois, em 1854 e 1855, saíram em livro, em dois volumes. Parece que o romance não obteve no momento grande êxito, e isso desanimou o romancista de prosseguir nesse caminho. Ter-se-á, então, dedicado com maior empenho a uma outra paixão literária — o teatro.

Já o vimos, desde os 20 anos, traduzindo uma drama de grietel. Vemo-lo também fazer parte da Sociedade Propagadora de Belas Artes. Mais tarde compôs um drama lírico em 3 atos, *Os Dois Amores*, que a Condessa Rafaela de Rozwadowska musicara.

Também no *Correio Mercantil* escrevera crônicas, reportagens, crítica literária. Como crítico, manteve uma seção, *Revista Bibliográfica*, na qual deixou páginas ainda dignas de leitura sobre vários autores, como Francisco Maniz Barreto, Junqueira Freire, tantos outros. Na coluna domingueira, intitulada *Páginas Menores*, e alterando os seus artigos com os de Alencar e Henrique Cesar Muzio, publicava uma seção de crítica social com o título geral de *As correntes da pena*. Vale a pena lembrar igualmente, que, poeta como todo o mundo é mais ou menos no Brasil, Manoel Antonio de Almeida publicou também os seus versos. Blake recorda, nesse gênero, os trabalhos que o es-

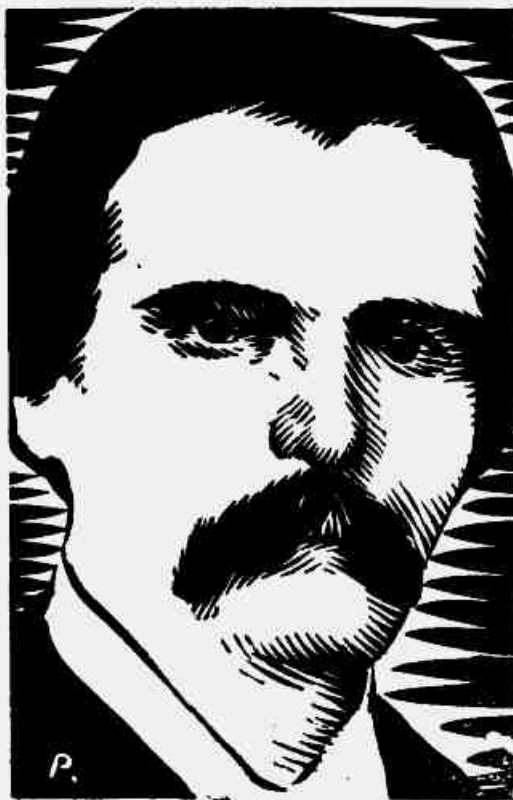
critor publicou, intitulados *Nada sem eco*, e *Amor de Criança* (ambos no *Correio Mercantil*). Frize-se que Almeida foi ainda colaborador dos *Harpos Poéticas*, do *Guaraciaba* e do *Guaraciaba*.

Tudo, entretanto, eram atividades precárias que nenhuma remuneração sólida davam ao escritor. Por fim, Manoel de Almeida conseguiu obter uma situação mais estável. Foi nomeado administrador da Tipografia Nacional, e pouco depois oficial da Secretaria do Ministério da Fazenda. Foi também um dos diretores da Academia Imperial de Música e Opera Nacional.

Como administrador da Tipografia Nacional, foi que teve ocasião de se aproximar de Machado de Assis. Entre os seus operários naquela repartição, havia um rapazinho bionho, um aprendiz, que, nas horas de trabalho, em vez de trabalhar, se punha de lado, a ler um livro ou a rabiscar umas coisas. Isso irritava os operários, e um dia estes levaram uma queixa formal ao chefe dos serviços. Manoel de Almeida fez chamar à sua presença o singular aprendiz, e o resultado da conversa foi a descoberta por ele feita daquele que mais tarde havia de ser proclamado como o mais alto dos escritores brasileiros, um dos cimos da arte literária no século passado.

Como oficial da Secretaria do Ministério da Fazenda recebeu a incumbência de escrever uma *História financeira do Brasil*. Parece não ter sequer iniciado a obra.

Manoel Antonio de Almeida faleceu no dia 28 de novembro de 1881. — Inaugurava-se o canal que liga Camarã a Macaé e a bordo do vapor *Hermes* o escritor tomou passagem para ir fazer a reportagem das festas. O *Hermes* saiu do Rio no dia 27 daquele mês, chegando no dia seguinte, às 2 horas da madrugada, a Macaé, e ali desembarcando três passageiros. As 4 e meia deixava Macaé, tomando o rumo de Campos. Existem, naquelas águas, uns recifes perigosíssimos, as *Lapas da Taboa*, onde outros navios já se tem perdido. O *Hermes* foi sobre eles. Sentindo a primeira pancada, e julgando ter dado em terra, o comandante mandou dar mais força ao navio. Depois da segunda pancada, que foi mais forte, o comandante, compreendendo o perigo em que estava, tratou de safar o *Hermes*. Mas, era vez de rumar para terra, fez-se ao largo. Pouco depois, o *Hermes* a parou o fundo do mar. Morreu todos os seus passageiros, perdeu-se toda a sua carga. Dias depois, ainda os cadáveres apareceram nas praias. Estavam decompostos, comidos pelos peixes, irreconhecíveis. Não foi possível saber se o romancista ficou dormindo o seu sono eterno no fundo do Oceano, ou se foi algum daqueles corpos tumefactos, inumados, por fim, no cemitério de Macaé...



MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA

SUMÁRIO

- | | |
|--|--|
| PÁGINA 146: | — Manoel Antonio de Almeida, na opinião de Ronald de Gervasio. |
| — Notícia sobre Manoel Antonio de Almeida | — Bibliografia de Manoel Antonio de Almeida. |
| PÁGINAS 148, 147, 146, 145 e 151: | — Nota sobre o presente número de Autores e Livros. |
| — Algumas páginas das "Memórias de um Sargento de Milícia": | PÁGINAS 154, 155, 156 e 157: |
| | — Roteiro de Duas Gerações, de Mucio Leão. |
| I — Origem, nascimento e batismo; (Primeira parte). | PÁGINAS 158 e 159: |
| II — Primeiros infelizes; (Primeira parte). | Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea: |
| III — Despedida às trevas; (Primeira parte). | 1.ª Série — Antologia da Poesia. VI — Ademar Tavares. |
| XII — Entrada para a escola; (Primeira parte). | — Milagres |
| XIII — Declaração; (Primeira parte). | — Meu pai |
| XXI — Descoberta; (Segunda parte). | — As Barbaças |
| XXII — Empenho; (Segunda parte). | — Tu e a Vontade |
| XXIII — As três em cama; (Segunda parte). | — Ela andou por aqui |
| XXIV — A morte é João; (Segunda parte). | — Cavalinho da Vida |
| XXV — Continuação feita. (Segunda parte). | — O Milagre de Nossa Senhora Aparecida |
| PÁGINA 152: | — Canção |
| — A morte de Manoel Antonio de Almeida, de Luiz Felipe Vieira Souto. | — Vela branca |
| — O Fado, de Manoel Antonio de Almeida. | — Chegando a Recife |
| PÁGINA 153: | — Taboada |
| — O tradicionalismo de Manoel Antonio de Almeida, de Xavier Marques. | — Minha Mãe |
| — Retrato de D. Maria, de Manoel Antonio de Almeida. | — Velhas Canções |
| | — Maria |
| | — O Poeta |
| | — A Giranda |
| | — Canção |
| | — Algumas Trevas. |
| PÁGINA 160: | |
| — Ademar Tavares (nova biografia, com um traço feito por Pacheco). | |
| — Bibliografia da Poesia de Ademar Tavares. | |
| — Algumas fontes sobre Ademar Tavares | |
| — Eu e a minha alma ("fac-símile" de autógrafo de Ademar Tavares). | |

Algumas páginas das "Memórias de

(Continuação da página anterior)

... e, então, em certas horas, ele sentia-se muito pequeno, muito perdido no espaço imenso.

As primeiras horas da noite, quando o silêncio da rua se fazia mais pesado, ele sentia-se mais sozinho. Mas, então, vinha o barulho da cidade, o ruído das rodas, o som das vozes, e ele sentia-se mais vivo, mais seguro.

... e, então, ele sentia-se mais sozinho. Mas, então, vinha o barulho da cidade, o ruído das rodas, o som das vozes, e ele sentia-se mais vivo, mais seguro.

... e, então, ele sentia-se mais sozinho. Mas, então, vinha o barulho da cidade, o ruído das rodas, o som das vozes, e ele sentia-se mais vivo, mais seguro.

... e, então, ele sentia-se mais sozinho. Mas, então, vinha o barulho da cidade, o ruído das rodas, o som das vozes, e ele sentia-se mais vivo, mais seguro.

... e, então, ele sentia-se mais sozinho. Mas, então, vinha o barulho da cidade, o ruído das rodas, o som das vozes, e ele sentia-se mais vivo, mais seguro.

... e, então, ele sentia-se mais sozinho. Mas, então, vinha o barulho da cidade, o ruído das rodas, o som das vozes, e ele sentia-se mais vivo, mais seguro.

... e, então, ele sentia-se mais sozinho. Mas, então, vinha o barulho da cidade, o ruído das rodas, o som das vozes, e ele sentia-se mais vivo, mais seguro.

... e, então, ele sentia-se mais sozinho. Mas, então, vinha o barulho da cidade, o ruído das rodas, o som das vozes, e ele sentia-se mais vivo, mais seguro.

... e, então, ele sentia-se mais sozinho. Mas, então, vinha o barulho da cidade, o ruído das rodas, o som das vozes, e ele sentia-se mais vivo, mais seguro.

... e, então, ele sentia-se mais sozinho. Mas, então, vinha o barulho da cidade, o ruído das rodas, o som das vozes, e ele sentia-se mais vivo, mais seguro.

... e, então, ele sentia-se mais sozinho. Mas, então, vinha o barulho da cidade, o ruído das rodas, o som das vozes, e ele sentia-se mais vivo, mais seguro.

Com efeito, foi cuidar disso e fazer as coisas para receber o primeiro: morava em uma casa na rua da Vela, pequena e escura.

Foi o barbeiro recebido na sala, que era mobiliada por quatro ou cinco longos bancos de madeira, e os bancos já pelo uso, uma mesa pequena que pertencia ao mestre, e outros mais onde escreviam os diários, toda cheia de pequenos bilhetes para os tinteiros; nas paredes e no teto havia penduradas uma porção enorme de galos de todos os tamanhos e feitios, dentro das quais pulavam e cantavam passarinhos de diversas qualidades: era a paixão predileta do pedagogo.

Era este um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de corinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava óculos, tinha pretensões de latinista, e dava bofetadas aos discípulos por "dã cá aquela palha". Por isso era um dos mais acreditados da cidade. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco escarlate de vista do aspecto da escola que nunca tinha imaginado. Era um salão, com bancos estovados cheios de meninos, vestidos quase todos de faixetas ou "robôides" de lã, calças de brim escuro e uma enorme pasta de couro ou papelão pen-

durada por um cordão a tiracolo; chegavam os dois exultantemente na hora da taboada cantada. Era uma espécie de ladainha de números que se usava então nas celebrações, cantada todos os sábados em uma espécie de "cantocho" monótono e insuportável, mas de que os meninos gostavam muito.

As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos, faziam uma algazarra de doer os ouvidos: o mestre, acostumado aquilo escutava impávido, com uma enorme palmaria na mão, e o menor erro que algum dos discípulos cometia não lhe escapava no meio de todo o barulho; fazia parar o canto, chamava o aluno, e mandava cantando o erro cometido, e cascava-lhe pelo menos seis punzados bofetes. Era o regente da orquestra ensinando a marcar compasso. O compadre expôs no meio de ruído o objeto de sua visita, e apresentou o pequeno ao mestre.

— Tem muito boa memória; lembra-se de alguma coisa, não lhe dá de dar muito trabalho, disse com orgulho.

— E se me quiser dar, tenho aqui o remédio; "Santa féria" — disse o mestre brandindo a palmaria.

O compadre sorriu-se querendo dar a entender que tinha percebido e latim.

— É verdade: faz Santos até as ferias, disse traduzindo.

O mestre sorriu-se da tradução.

— Mas espero que não há de ser necessária acrescentou o compadre.

O menino percebeu o que tudo isso queria dizer, e mostrou não gostar muito.

— Segunda-feira cá vem, e peço-lhe que não o poupe, disse por fim o compadre despedindo-se. Procurou pelo menino e já o viu na porta da rua prestes a sair, pois que ali não se julgava muito bem.

— Então, menino, vai sem tomar a benção ao mestre?

O menino voltou constrangido, tomou de longe a benção, e saiu sem então.

Na segunda-feira voltou o menino armado com a sua competente pasta a tiracolo, a sua lixeira de escrever e o seu tinteiro de chifre; o padrinho e acompanhou até a porta. Logo nesse dia portou-se de tal maneira que o mestre não se pôde dispensar de lhe dar quatro bofetos, o que lhe fez perder toda a folia com que entrara; declarou desde esse instante guerra à escola. Ao meio-dia veio o padrinho buscá-lo, e a primeira notícia que ele lhe deu foi que não voltaria no dia seguinte, nem mesmo naquela tarde.

— Mas você não sabe que é preciso aprender?

— Mas não pareceu aprender?

— Pois você já aprendeu?

— Não foi nada, não, senhor; foi porque entendi o tinteiro da culpa de um menino que estava ao pé de mim; o mestre estava comigo, e eu comeci a rir muito.

— Pois você vai-se rir quando o mestre rir?

O menino contrariou o mais que era possível ao barbeiro. Que coisa não diria a maldita vizinha quando soubesse que o menino tinha aprendido logo no primeiro dia de escola? ... Mas não havia respostas, o que o mestre fazia era bem feito.

Custou-lhe bem a lixidão o menino a voltar nessa tarde à escola, o que só conseguiu com a promessa de que falaria ao mestre para que ele lhe não desse mais. Isto porém não era coisa que se fizesse, não foi senão um expediente para atenuar o pequeno. Entrou este desesperado para a escola e por princípio nenhum queria estar quieto e calado no seu lugar; o mestre chamou-o e pôde de gritos a poucos passos de si; tomou do pouco tempo, voltou-se imediatamente, e surpreendeu-o no momento em que ele estava a sair para alistar-lhe uma bola de papel, Chamou-o de novo, e deu-lhe uma dúzia de bofetos.

— Já no primeiro dia, disse, você promete muito.

O menino, resmungando, fingiu-lhe quanto injúria sabia de cor.

Quando o padrinho voltou no novo a buscá-lo, achou-o deitado firme e decidido de não se deixar engodiar por outra vez, e de não se mais voltar, ainda que se fizessem. O pobre homem ficou com o enojo.

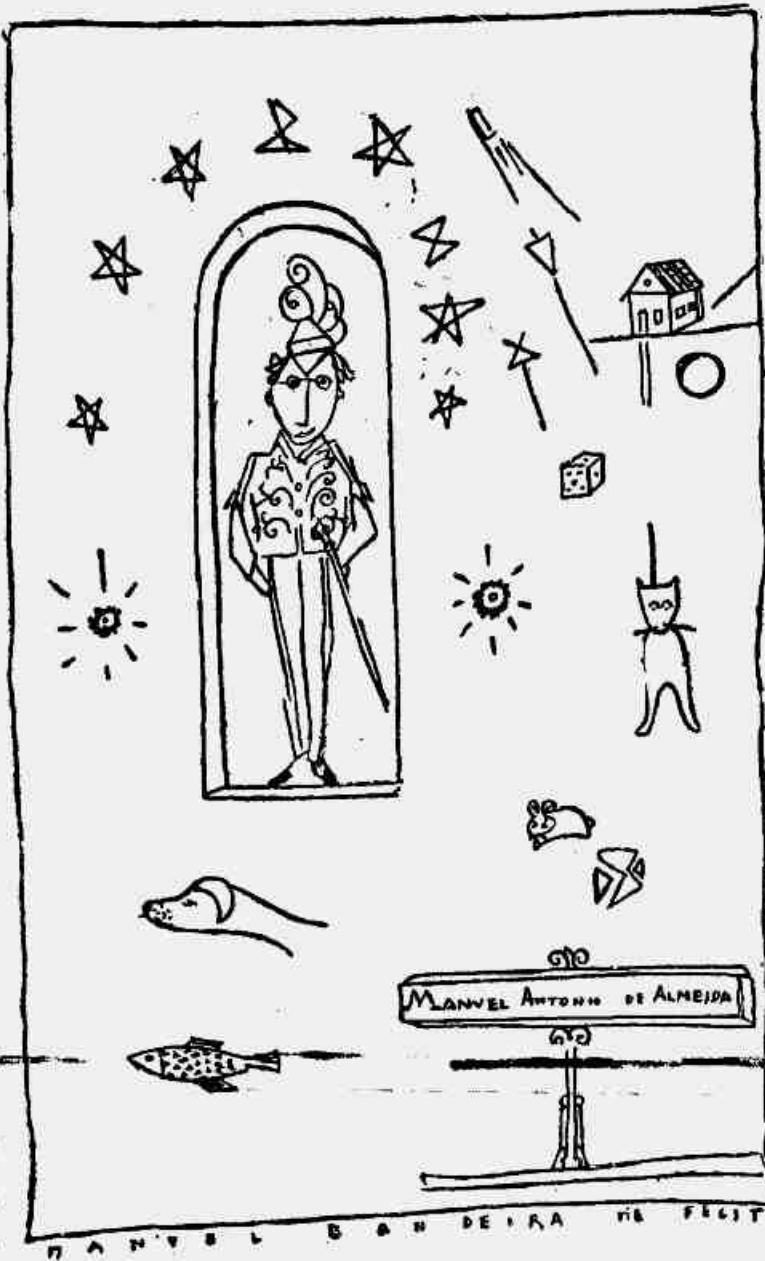
— Ora, logo no primeiro dia, disse consigo; isto é prova de que a maldita mulher... mas foi de tramar, e vamos ver quem vence.

XXIII DECLARAÇÃO

Enquanto a comadre dispunha seu plano de ataque contra José Manoel, Leonardo ardia em saudades, em falta, e nada havia que o consolasse em seu desespere, nem mesmo as promessas de uma reunião que lhe fariam o padrinho e a madrinha. O rapaz via-se sempre diante de si a desastrosa figura de seu rival a descomparar todas as esperanças. Nas horas de sossego entregava-se às obras de construção imaginária de magníficos castelos de nuvens, e, quando, porém, que lhe pareciam ter instantes os mais sólidos dos alicerces, de repente surgia-lhe no horizonte o terrível José Manoel com as bochechas inchadas; e, apressado sobre a construção, a arrastava num volver dobras.

Entretanto o que havia de pior era que Luzinha, causa de tantas tormentas, ignorava tudo, e a tudo continuava indiferente. Leonardo veio a entender, depois de muito meditar, que isso constituía um dos principais motivos de sua posição; se a comadre e o compadre conseguissem derrotar a José Manoel, e pô-lo em estado de não poder mais entrar em combate, quem poderia dizer que o triunfo era completo? Não havia ainda uma segunda campanha a dar contra a indiferença da Luzinha? Daqui concluiu ele que não matter se já rompiu o fogo por esse lado; e, como lhe parecia de mais importante, não pôde confiar a nenhum dos amigos o seu ataque, e decidiu-se atacar sozinho. Devia começar, como sabe de cor, e saltando a cabeça da literatura, que é sem dúvida a parte mais entendida na literatura, por uma declaração em forma.

... e, então, ele sentia-se mais sozinho. Mas, então, vinha o barulho da cidade, o ruído das rodas, o som das vozes, e ele sentia-se mais vivo, mais seguro.



um Sargento de Milícias" — Manoel Antonio de Almeida



Capa das "Memórias de um Sargento de Milícias", na edição de Leonor dos Magalhães (Fotografia de um exemplar pertencente ao consul Roberto Assunção)

... porém, mal tinha assentado em que diria isto ou aquilo, e já lá estava aquela lhe não parecia bom. Por várias vezes tivera ocasião de fazer-se por desempenhar a sua tarefa, pois estivera a sós com Leonardo; porém, nessas ocasiões não havia que pudesse vencer um temor de pernas que se apoderava dele, e que não lhe permitia abandonar o lugar onde estava, e um engano que lhe sobrevinha, e que o impedia de articular uma só palavra. Enfim, depois de muitas vezes consigo mesmo para vencer o seu cansaço, tomou um dia a resolução de acabar com o medo, e dizer-lhe a primeira coisa que lhe viesse à boca.

Luizinha estava no vão de uma porta a espiar para a rua pela frente. Leonardo aproximou-se tremendo, pe ante pé, parou e ficou imóvel como uma estátua, atrás dele, que, entredita para fora, de toda a linha, dando fô. Esteve assim por longo tempo calculando se devia falar em pé ou se devia ajoelhar-se. Depois fez um movimento como se quisesse recuar no cubo de Luizinha, mas retirou comovida a mão. Percebeu-lhe que por não ir lá bem, que a sua presença pelo vestido e a já levemente a não quando também se aproximou. Durante todos estes momentos o pobre rapaz suspirava não poder mais. Enfim, um leve movimento tirou-o da indecisão.

Ouvindo passos no corredor, embalsamado que alguém se aproximava, e, tomado de terror por se ver exposto naquela posição, deu rapidamente dois passos para trás, e voltou um — ahi — muito envergonhado. Luizinha, voltando-se, viu em ele diante de si, e rematando a sua expressão de costas contra a parede; veio-lhe também, outro — ahi — porém, não lhe passou da cabeça, e conseguiu apenas fazer uma careta.

A bulha dos passos cessou sem que ninguém chegasse à sala; no dia, levaram algum tempo naquela posição, até que o Leonardo, por um supremo esforço, rompeu o silêncio, e com voz trêmula e em tom de mais sem graça que se possa imaginar perguntou desconfiadamente:

— A senhora... sabe... uma coisa?

tonio, quando o tal amigo a que nos referimos, que fora um dos últimos a sair, e, chegando a patrulha, e vendo que o Trovão não ia no meio dela, concluiu que os planos haviam andado bem e que o maior fiara de lá vez logrado. Teve por isso um pouco de alegria, e, esquecendo a presença do major, correu ao lemeiro, abraçou-o, exclamando com arrebatado ímpeto:

— Bravo! como está não fazes duas em toda a tua vida; tal limpa: "ele" há de ficar-te obrigado para sempre, e eu com ele, porque sou seu amigo e teu também!

O Leonardo ficou exultante diante de semelhante imprudência. O major, que ia esboçando pensando no logro que acabara de levar, voltou-se repentinamente; a palavra "ele" profusa pelo terror, o amigo, abriu luz a seus olhos. O Leonardo foi tirado do torpor em que se achava pela voz do major a dizer-lhe compassadamente:

— Recolha-se preso ao quartel. A esta altura, o Leonardo esqueceu do fundo da alma tudo quanto havia ali de despeito, de rancor, e lançou um olhar sobre o imprudente que o havia provocado, e que ainda muito senhor de si apresentava-lhe desamparadamente a mão, que parecia não estar disposto a largar tal cedo.

Deixamos agora o Leonardo, vítima da sua dedicação, caminhando preso para o quartel, e passemos a outras coisas. Há muito tempo que não falamos em D. Maria e na sua gente. Sabem os leitores que, passada a lua de mel, em que tudo foram rosas, o rico João Manoel pusera, como se costumava dizer, as mangas de fora, e tais coisas fez, que em poucos meses estava tudo em guerra aberta: tinha-se ele com sua mulher Luizinha mudado de casa de D. Maria, e por causa do dote val, cotei vem, herança daqui, herança dali, havia-lhe D. Maria proposto uma ação por tal sorte complicada, que era de desanimar que não bastassem para ver-lhe o fim os dias que restavam de vida à pobre velha.

Tinha-se José Manoel tornado para Luizinha um verdadeiro marido dragão, deuses que só aquele tempo se conta tão perfeito, que eram um suplício constante para as mulheres. Depois que se havia mudado da casa de D. Maria, suas mais Luizinha vira o ar da sua senão lá fortalezas; pelas frestas da janela então chorava a sua liberdade de que gozava outrora; aqueles passeios e aquelas palestras à porta em noite de luar; aquelas domingos de missa na Sé, ao lado de sua tia com o seu rancho de criadinhos atrás; as visitas que recebiam, e o Leonardo de quem tinha saudades, e tudo aquilo enfim a que não dava resaca tempo muito aprego, mas que agora lhe parecia tão belo e tão agradável. Tendo-se casado com José Manoel, para seguir a vontade de D. Maria, voltava a seu marido uma enorme indiferença que é talvez o pior de todos os males.

Pois a vida de Luizinha, depois de casada, representava com fidelidade a vida do maior número das moças que então se casavam: era por isso que as Viúvas não eram raras e que poucas famílias havia que não tivessem a lamentar um desgosto no gênero do que sofreu aquela pobre família, que, indo ao Oratório de Pedro, viera destinada para casa, e cuja história serviria de tema às intrigas da comadre quando quisesse por José fora do lenço.

Ora, é claro que, tendo D. Maria ficando um pouco seria com a comadre por causa de toda aquela intriga que procedera ao casamento de José Manoel com sua sobrinha, agora, que estava com mais chances às avessas, se restasse o laço da amizade que por um pouco afrouxara, supedia assim com efeito.

Um dia as duas encontraram-se na missa, tornaram-se a falar; as desgraças do Leonardo, que tinham tema a essa conversação, en-

tereceram a D. Maria, que por seu lado também referia a comadre tudo quanto sucedia agora à pobre Luizinha.

— M. senhor! dizia a comadre referindo-se a José Manoel, parece que me lembrava de o quer que seja quando via aquele mal-dito; arrengo do homem que é um valdevinos lá direita. Aquilo há de levar a pobre menina a sepultura. Cotidão bem criada e mal fadada.

— Nunca pensei, criatura, nunca pensei que sucedesse tal... Mas aquela como era sinfonia que passava-lhe doces! que santidade aquela! Agora, senhora, agora sou capaz do segredo na história da moça furtada no Oratório de Pedro; ele tem bofes para tal... Mas hei de me ver vingado, ahi se hei de! Não conto como estar aqui; os desembargadores lá estão, que me hão de dar esse posto; espero isso em Deus.

Destes conversas, e do mais que se seguiu nasceu a conciliação das duas.

Quando certas amizades são uma vez interrompidas, tendo sofrido um leve estranhamento, é difícil que voltem depois a estado primitivo; com outras amizades acontece porém o inverso: os estreitamentos aprovam-se, porque é fácil a volta da paz, e parece que depois disso se tornam mais estreitas. A amizade que existia entre D. Maria e a comadre era deste último gênero. Portanto, depois daquela conversa na missa, não só voltaram as relações entre as duas ao seu primitivo estado, como se tornaram mais que nunca sólidas. Daí em diante não houve um só segredo entre as duas que não fosse mutuamente comunicado, e elas fizeram pacto de se ajudarem reciprocamente para dar remédio, uma nos males da sobrinha, outra às diabruras do afilhado.

O Leonardo, como dissemos, achava-se preso; fizera disso cliente a madrinha, que se pôs logo em atropelo, não só pelo fato em si, como pelo generoso motivo que o havia ocasionado. O primeiro passo dos dois que tiveram a dar as duas, D. Maria e a comadre, em virtude do seu pacto, foi tratar de aliviar a situação do Leonardo, e livrá-lo do mais que (sabe Deus) lhe estaria preparado.

— Meu Deus, pobre rapaz; ora vejamos tudo em que deu a sua. cotidão! aquele rapaz não nasceu em bom dia; não, comadre; isso sou eu capaz de jurar pela salvação da minha alma...

— Mas não falou com o major? Que disse ele?

— Duro como uma pedra, senhora; a nada se moveu; pedi-lhe pelas Cinco Chagas, pela Senhora Santíssima... tudo em vão, tudo em vão.

— Está bom, não se aflija, comadre, ainda há um meio que eu penso que não há de falhar; vamos a casa "dela", que por lá é caminho certo; ela dá-se muito comigo, há de pedir pelo moço.

— Já me tinha lembrado, disse; mas na tribulação em que vinha

(Continua na página seguinte)



E's filho de uma pisadella

Algumas páginas das "Memórias de

O GUARANY N. 18



MANOEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

Manoel Antônio de Almeida, numa litografia de Souza Lobo, publicada no Guarany, em 14 de Maio de 1871. (Biblioteca Nacional)

(Continuação da página anterior)

terrou-me a esquecer; se com ela não se arranjar alguma coisa, resta tudo perdido.

Os leitores estão já curiosos por saber quem é "ela", e tem razão; vamos já satisfazê-los. O major era peccador antigo, e no seu tempo fora daquelles de que se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje "alguma coisa" que ás vezes lhe recordava o passado; essa "alguma coisa" era a Maria-Regalada; fora no seu tempo uma noção de trua, como vulgarmente se diz: era de um génio sobremaneira folgazão, vivia em continua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto; daí é que vinha o apelido — "regalada" — que haviam juntado ao seu nome.

Logo de apelidos era no tempo de las histórias uma coisa muito comum; não estranhem pois os leitores que muitas das personagens que aqui figuram tenham esse apêndice ao seu nome.

Dizem todos, e os poetas juram e juralham que o verdadeiro amor é o primeiro; temos estado a materia, e acreditamos hoje que não há que fiar em poetas: cheguemos por nossas investigações a conclusão de que o verdadeiro amor, ou não todos ou é um ao, e neste caso não é o primeiro, é o ultimo. O ultimo é que é o verdadeiro, porque é o único que não muda. As leitoras que não concordarem com esta doutrina conversem-se do contrario, se são disso capazes.

Isto tudo vem para dizermos que Maria-Regalada tinha um verdadeiro amor ao major Vidgal: o major pagava-lhe na mesma moeda. Ora, D. Maria era uma das camaradas mais do coração de D. Maria-Regalada. Ela, ali, por que falando "dele" D. Maria e a comadre se mostraram tão espreçadas a respeito da sorte de Leonardo.

Já naquele tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco, eram uma mola real de todo o movimento social.

— Val mandar aporitar a ca-

que de um instante para outro podem chegar a fadga ao corpo do pobre rapaz, e depois nem Santo Antonio a tira.

— Não há de haver novidade, ainda havemos de chegar a tempo, com a graça de Deus. Para maior segurança vamos todas três daqui à casa do major, e cada uma por nosso lado faremos tudo para livrar o moço.

Maria-Regalada vestiu-se à pressa, tomou a sua mantilha, e ao lado da cadeirinha em que a dona Maria partiam para casa do major.

XXIII

AS TRÊS EM COMISSÃO

Partiram pois as três para a casa do major, que morava então na rua da Misericórdia, uma das mais antigas da cidade. O major recebeu-as de mauque de chita e tamancos, não tendo a principio supposto o qualite da visita; apenas porém reconheceu as três, correu apressado à camarinha vizinha, e envergou o mais depressa que pôde a farda: como o tempo urgia, e era uma inevitidade deixar só as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo à sala, de farda, calças de enfiar, tamancos, e um lenço de Alibabá sobre o ombro, segundo seu uso. A comadre, ao vê-lo assim, apesar da aflição em que se achava, mal pôde conter uma risada que lhe veio aos lábios. Os cumprimentos da recepção passaram sem novidade. Na atropelação em que entrara o major a comadre enxergou logo um bom agouro para o resultado do seu negocio. Acrescia ainda em seu favor que o major guardava na sua vellice doces recordações da mocidade, e apenas se via cercado por mulheres, se não era em lugar publico e em circumstancias em que a disciplina podesse ficar lesada, tornava-se um habão como se se poderia encontrar segundo no velho Leonardo. Se estas lhe davam então no fraco, se lhe faziam uma caricia, por mais estupidamente fingida que fosse, arrancavam dele tudo quanto queriam; ele próprio espontaneamente se oferecia para o que podiam desejar, e ainda em cima ficava muito obrigado. Contudo, posto que a comadre soubesse já desta circumstancia com anticipação, ou o presentisse pelas aparências, a gravidade do negocio de que se tratava era tal, que nem isso bastou para tranquilizá-la. Dispoz-se para o ataque, ajudada por suas companheiras, que, apesar de mais estranhas à sorte do Leonardo, nem por isso se ligavam menos à sua casa. Houve momentos de perplexidade para decidir-se quem seria o orador da comissão. O major percebeu isto, e teve um lampejo de orgulho por ver assim três mulheres confundidas e atropalhadas diante de sua alta pessoa; fez um movimento como para animá-las, arrastado sem querer os tamancos.

— Oh! de tamancos e farda não está má... Senhoras donas, coisas de velho; no meu tempo não ficava eu destas...

— D. Maria que o diga, acudiu logo a comadre referindo-se a Maria-Regalada, e querendo fazer brecha fosse por onde fosse; isso não importava; o negocio é outro...

— E' verdade, senhor major, o bom tempo já lá foi.

— E Deus perdão a quem dele tem saudades, retorquiu o major, riudo-se com um risco fagueiro de velha sensualidade...

— Eia, eia, tomou a Maria-Regalada; mas deixe essas coisas todas para logo...

— Al cratura, acudiu D. Maria que até então estivera calada, cansada talvez do numero prodigioso de medidas que fizera ao entrar, deixai cada um lembrar-se do seu tempo, isto consola; eu cá gosto bem quando acido...

— E' como eu, respondeu o major; em se me tocarão cá nas feridas antigas...

— Pois é mesmo por me lembrar destas feridas antigas, atibei-me a Maria-Regalada, que venho aqui

com estas senhoras donas, que e se não foram elas cá não vieram, pois e negocio é sério...

A comadre achou ocasião bem apanhada, e fez com a cabeça um sinal de aprovação.

— Vainos lá ver o que é o tal negocio sério, respondeu o major ativamente, pela presença da comadre, pouco mais ou menos com o que era, e pelo que fez um sinal duvidoso com a cabeça, ou para fazer-se de bom, ou porque realmente não quizesse abrir largas esperanças.

A interlocutora proseguiu: — O seu granadeiro Leonardo é um bom rapaz.

O major arqueou franzindo as sobrancelhas, e repuxou os beiços, como quem não concordava "in totum" com aquilo...

Não me comee já com colmas, senhor major. Pois é, sim, senhor, muito bom rapaz, e não há razão para ser castigado, por causa de um coisa nenhuma que fez... Isso não é razão, não, senhor, para se mandar tocar de chibata um moço que não é nenhum valdevino; pois o senhor major bem sabe que o padrinho quando morreu deixou-lhe alguma coisa, que bem lhe podia estar já nas mãos, e ele por isso livre da maldita farda, a quem sempre vive zanga (menos de uma que bem se sabe), se o pai que tem... mas deixemos o pai que não vem nada ao caso...

— Ainda não, senhor major, observou a comadre, ainda não sabe do melhor, e é que o que ele praticou naquella ocasião quase que não estava nas suas mãos. Bem sabe que um filho na casa de seu pai...

— Mas um filho, quando é soldado, retorquiu o major com toda a gravidade disciplinar...

— Nem por isso deixa de ser filho, tornou D. Maria.

— Bem sei, mas a lei?

— Ora, a lei... o que é a lei, se o senhor major quiser?

O major sorriu-se com cándida modestia. A discussão foi-se assim animando; porém o major nada de ceder, até pelo contrario parecia mais inflexivel do que nunca; chegou mesmo a por-se em pé a falar muito exaltadamente contra o aten-

tado do Leonardo, e a necessidade de um severo castigo. Era então graciosamente vólto no bonito uniforme que indicamos, de pé, diante do um sorriso sobre a cabeça, diante daquellas três senhoras tão incredulas que resistiam aos mais fortes argumentos.

Ainda, porém, não tinham as três esgotado contra ele o seu ultimo recurso; puseram-se pois em ação.

Quando mais infundido o major, as três, a um só tempo e como de combinação, deitaram a chorar... O major parou, e ficou encarando um instante; seu semblante foi-se voltando para o lado, enrugando, e por fim deixou também a chorar de enternecido. Apenas as três se aquietaram deste tráfego, correu um sobre o inimigo. Foi uma algarofa, uma choradeira sem nome, para de mover as pedras.

O major de enternecido foi tornando a atordoados, e como que ficou envergonhado das lágrimas que lhe corriam pelas faces; envergonhou-se, e procurou reabsorver a sua antiga gravidade.

— Nada, disse desembaralhado, as das três, e passando a umas largas pela sala; nada; que haviam de dizer de mim se me viam aqui nestas choradeiras sem crinola? Eu, o major, o Vidgal e chorar no morio de três mulheres!... Senhoras donas, o caso é grave, e não lhe vejo remédio, por exemplo, a disciplina, as leis militares... nada, não posso mais.

E deu as costas ás três, continuando a passar e a fazer pensar com forcos os tamancos na disculpa.

Maria-Regalada disse logo a duas em cujos semblantes já tom transtudo e mais pequena valvula bre de esperança:

— Ainda não está tudo perdido...

El dirigindo-se ao major e sentou:

— Bem, senhor major! agora passadas não moem moitinho!

— Qual passadas, senhora! mas bem vê que o caso é grave...

— Seja lá o que for, senhor, perdido meus passos, e não sevar a quem desejava; verdade seja que eu já contava com isso, e também



Retrato de Manoel Antônio de Almeida, publicado na data em que foi feito. (Arquivo do escritor José Vieira)

um Sargento de Milícias" -- Manoel Antonio de Almeida

DOIS AMORES

PRIMA LÍBRICO EM TRÊS ATOS

PRIMA LÍBRICO EM TRÊS ATOS

Dois Amores de Almeida

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA

CONTECIDA AVALIAÇÃO DO ROMANÇO



PRIMA LÍBRICO EM TRÊS ATOS

PRIMA LÍBRICO EM TRÊS ATOS

PRIMA LÍBRICO EM TRÊS ATOS

"Dois Amores", Frontispício da edição de Manoel Antonio de Almeida, 18. Nacional

Na se haviam enganado: a notitia José Manoel expusera.

No dia seguinte fizeram-se os preparativos para o enterro. A comitiva, informada de tudo, compareceu pontual a prestar seus bons ofícios, ainda consolações.

O enterro fora acompanhado pela gente da antecâmara os sacros da casa fizeram uma alcaçova tremenda. A viuvez pôde toda a família, e toda foi anilhada, desde as argolas e guias do caixão até o número e qualidade dos convidados; e sobre cada um desses pontos apareceram três ou quatro opiniões extremas.

Naquella tempo ainda se não usavam os dias e as finanças, nem os necrológicos, que hoje andam tanto em voga; escapamos pois de mais e, José Manoel deu-se ao trabalho de decidir sobre a morte.

Como havia prometido a esposa, algum tempo depois de se enterro, José e Leonarda, que não se tinham visto há muito tempo, não pôde conter seu grido de surpresa.

Vinha em completo uniforme de sargento da companhia de granadeiros.

— Como? Não é o meu José? —

— É verdade, senhora dona, respondeu a Leonarda, o do lado direito.

Por aquillo objeto de geral espanto, fizeram todos muito comentários com a situação solitária de Leonarda, e não se ele alguma coisa de novo, como até elevou ao posto de sargento, o que já não é no exército paulista.

O Leonarda começou a procurar com os olhos alguma coisa ou alguém que tinha curiosidade de ver; deu com o que procurava: era Leonarda. Há muito que os dois se não viam; não puderam pois conter o embalo, e se que se acharam abraçados. E foi tanto maior essa emoção, que ambos ficaram surpreendidos um do outro. Leonarda achou Leonarda um rapaz rápido, de bigodes e suco, elegante até onde pode sê-lo um soldado de granadeiros, com o seu uniforme de sargento bem assento. Leonarda achou Leonarda uma sena esplendida, altiva mesmo, olhos e cabelos pretos, tendo perdido todo aquele acanhamento fisionómico de outrora. Além disso seus olhos, seus movimentos, suas lágrimas, sua voz empalmeçada, se não verdadeiramente pelos desastres daquela vida, seguramente pelos antecedentes, tinham a mesma oculto um toque de

Não há nada que interrompa a marcha da vida, e se não se trata de uma família inteira em que a coragem e o interesse. Não se estranha, pois, que Leonarda e Leonarda a dia se entrosassem.

E quando vir uma familiaridade que se trata de repetir. Deixa que se fizesse agora, e que Leonarda achou, nunca Leonarda tinha momentos de sua verdade, mas prazeres como os que ali estava, Leonarda naquela casa, não ali de fora, quando Leonarda de fora a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

O Leonarda também por sua vez, nunca, no meio de todos os vicissitudes de sua vida, Leonarda tinha momentos de sua verdade, mas prazeres como os que ali estava, Leonarda naquela casa, não ali de fora, quando Leonarda de fora a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Pela paixão que os dois tinham, Leonarda também se viu, o prazeres, a comitiva, Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

Finalmente chegou a hora da partida, não da comitiva, que se ofereceu para fazer companhia à viuva, porém de Leonarda, a quem Leonarda a casa, que havia a Leonarda a casa, que devia ser para a sua felicidade.

TRIBUNA CATHOLICA

Publicada sob a auspicio de sua Hon. Rev. o Sr. Bispo-Capitão-Mór

Chefe de redacção

Redacção e Impressão: Rua da Liberdade, 100, 1.º andar, Rio de Janeiro

Telefone: 1111

Subscritores: ...

... (text continues with subscription details and other notices)

FOLHETIM

CONDICAR

O AMOR DO CRISTÃO

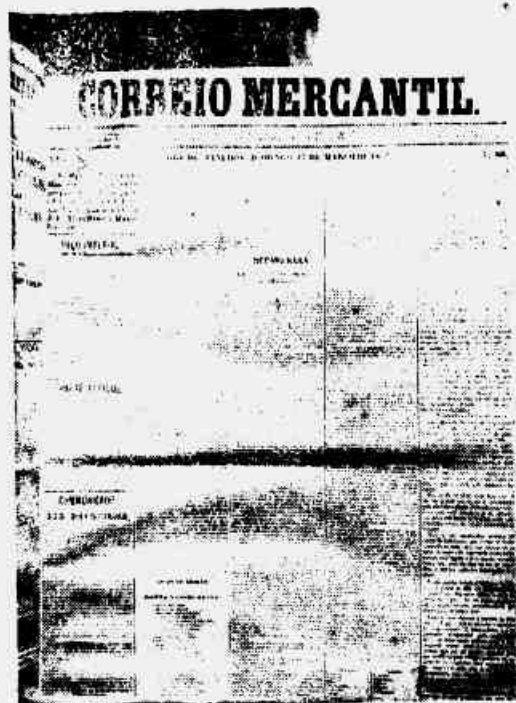
... (text continues with the story)

CAPITULO I

O DESAFIO

... (text continues with the story)

"A Tribuna Católica", Página do n.º 1 de Fevereiro de 1933, onde apareceu o primeiro folheto de "Condicar ou o Amor do Cristão", drama de Luiz Predieri, traduzido por Manoel de Almeida



Primeira edição do "Correio Mercantil", edição de 27 de Março de 1943. Na sua capa do centro — a "Memória de um Sargento de Milícias"

Quilanda 35

DE LABRIERE

DE CORREIO MERCANTIL

de Labriere vende por atacado todas as mercadorias.

DOUS AMORES

de Manoel Antonio de Almeida

de Labriere vende por atacado todas as mercadorias.

DA QUITANDA 35

REPTONIO DORGEN BENZ

de Labriere vende por atacado todas as mercadorias.

OS MYSTERIOS

de Manoel Antonio de Almeida

de Labriere vende por atacado todas as mercadorias.

MUDANÇA

de Labriere vende por atacado todas as mercadorias.

ATTENÇÃO

de Labriere vende por atacado todas as mercadorias.

Anúncio da obra "Dois Amores". ("Correio Mercantil" de 1 de Dezembro de 1943)

Manoel Antonio de Almeida

Manoel Antonio de Almeida

Assinatura de Manoel Antonio de Almeida (detalhe do único autógrafo que se conhece do romancista)

A morte de Manoel Antonio de Almeida — Luiz Felipe Vieira Souto

O. F. A. D. O.
Manoel Antonio de Almeida

Dói a pouco começou o Judo. Todos sabem o que é Judo. Essa dança tão voluptuosa, tão variada, que parece filha do mais apurado estudo da arte. Uma simples viola serve, melhor do que instrumento algum para o efeito.

O Judo tem diversas fusões, cada qual mais original. Há, uma só pessoa, homem ou mulher, dança no meio da roda por algum tempo, fazendo passos os mais difíceis, tomando as mais variadas posições, acrobaticamente tudo isso com elegância que dá com os dedos, e vai depois pouco e pouco aproximando-se de qualquer que lhe atenda; faz-lhe diante algumas saídas e viravoltas e finalmente bate palmas, o que quer dizer que a recolheu para substituí-la o seu lugar.

Assim corre a roda toda até que todos tenham dançado.

Otras vezes um homem e uma mulher dançam juntos, seguindo com a maior graça o compasso da música, ora acompanhando-se a passos lentos, ora apressados, depois repentinamente, depois juntam-se; o homem, as vezes busca a mulher com passos ligeiros, enquanto ela, fazendo um pequeno movimento com o corpo e com os braços, recua vagarosamente; outras vezes é ela quem procura o homem, que recua por seu turno, até que enfim acompanham-se de novo.

Há também a roda em que dançam muitas pessoas, intercalando certos compassos com palmas e com um sapateado às vezes estrondoso e prolongado, às vezes mais breves e mais breves, porém sempre igual e a um só tempo.

Além destas há ainda outras formas de que não falamos. A música é diferente para cada uma, porém sempre tocada a uma viola. Muitas vezes o locutor canta em certos compassos uma canção às vezes de passadeira, rotundamente polaca.

Quando o Judo começa, canta a decaba; termina sempre com um grande aplauso, quando não com uma enfiada de risos e nolle segundes e tal.

Quando o Judo começa, canta a decaba; termina sempre com um grande aplauso, quando não com uma enfiada de risos e nolle segundes e tal.

Coincidência interessante era a morte de Manoel Antonio de Almeida. O Comandante goza de excelente reputação; mas tal é a irritação de Campos contra todos os que se aproximam ou remotamente deram causa ao naufrágio, que se eu fosse a repetir aqui o que já ouvi...

"Um dever imperioso e sagrado me trouxe a Macaé; vim dar sepultura ao cadáver de um amigo; não posso continuar."

"Talvez se possa ainda salvar alguma coisa do vapor que está submergido, deixando ver parte dos mastros."

"Até hoje se apareceram aqui quatro radiveres; há, porém, notícia de que pelas praias jazem alguns arremessados pelo mar."

Após o naufrágio estes rochedos passaram a denominar-se "Hermes" encontrado nos mapas até hoje.

A incerteza de sua morte fez com que os jornais, mesmo aqueles de que era colaborador, se abstevessem de fazer necrológicos, ao se manifestando os amigos no dia 10 de dezembro ao rezar missa na Igreja da Candelária e no dia 12 em São Pedro.

O estado dos corpos que deram a praia impediram a identificação de sorte a não saber-se se foi ele inhumado no cemitério de Macaé ou teve por sepultura a imensidade do oceano que servira de "única sepultura digna de um almirante bativo" e servira também para uns dos mais gloriosos membros desta casa: Gonçalves Dias.

Apesar de todos os defeitos imputados por seus detractores, é ele um dos nossos maiores escritores, ocupando lugar de destaque na galeria dos escritores brasileiros de nossa terra e tendo como gloria imarcescível o seu nome escrito em letras de fogo, no azul do firmamento da literatura pátria.

"Jornal do Comércio" — 15-11-1931.

"O 'Hermes', tendo perdido tempo, devendo chegar-se a barra de Campos no dia 23 até no meio da tarde entrar com as águas da maré. Viu-se na necessidade de apressar a sua viagem ao perder a entrada a 23. Logo que deixou os três privilegiados passageiros tratou de navegar para Campos."

Todos as conjecturas fazem acreditar que se fez de pros para nor-nordeste, devendo seguir para le-nordeste, além de seguir o largo. Ora, naquele devia necessariamente naufragar.

"Há na direcção de nordeste a sueste as Lajes da Tabua", refere de meia milha de extensão, pouco mais ou menos, que na vante das grandes e mesmo das pequenas marés fica a flor da água. Al bateu a sumaca "Maravilha" este ano.

"Consequentemente o 'Hermes' no rumo que seguia tinha de bater nele."

"A primeira pancada, o Comandante, supondo que o vapor tinha batido em areia, mandou dar mais força e deu voz no rádio para fora. Então o 'Hermes' bateu segunda vez. Era impossível ter torcido em areia, porque o cordão de areia já havia muito atrás demonstrando, como, quando a batida do porto de Macaé."

"Depois da segunda pancada, ainda o 'Hermes' navegou para o largo. Se tivesse voltado para terra, da qual estava pouco, ter-se-lhe salvado, não os todos os passageiros, como a carga, pois o vapor com a marcha que levava foi submergir-se a meia milha de distância."

"Não quero fazer acusações;

o Comandante goza de excelente reputação; mas tal é a irritação de Campos contra todos os que se aproximam ou remotamente deram causa ao naufrágio, que se eu fosse a repetir aqui o que já ouvi...

"Um dever imperioso e sagrado me trouxe a Macaé; vim dar sepultura ao cadáver de um amigo; não posso continuar."

"Talvez se possa ainda salvar alguma coisa do vapor que está submergido, deixando ver parte dos mastros."

"Até hoje se apareceram aqui quatro radiveres; há, porém, notícia de que pelas praias jazem alguns arremessados pelo mar."

Após o naufrágio estes rochedos passaram a denominar-se "Hermes" encontrado nos mapas até hoje.

A incerteza de sua morte fez com que os jornais, mesmo aqueles de que era colaborador, se abstevessem de fazer necrológicos, ao se manifestando os amigos no dia 10 de dezembro ao rezar missa na Igreja da Candelária e no dia 12 em São Pedro.

O estado dos corpos que deram a praia impediram a identificação de sorte a não saber-se se foi ele inhumado no cemitério de Macaé ou teve por sepultura a imensidade do oceano que servira de "única sepultura digna de um almirante bativo" e servira também para uns dos mais gloriosos membros desta casa: Gonçalves Dias.

Apesar de todos os defeitos imputados por seus detractores, é ele um dos nossos maiores escritores, ocupando lugar de destaque na galeria dos escritores brasileiros de nossa terra e tendo como gloria imarcescível o seu nome escrito em letras de fogo, no azul do firmamento da literatura pátria.

"Jornal do Comércio" — 15-11-1931.

THESE

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA

RIO DE JANEIRO

1952

Página de título da "These" de Manoel Antonio de Almeida — Rio, 1952 (Arquivo da Escola Nacional de Medicina)

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

MILAGRES

Annela, praia linda,
De "Milagres" plantada à beiramar de Olinda,
A...
— Como um lençol de bruma
Estendia as altíssimas areias,
— Nênia branco de nuflas e serenas...
Para entre nuflas, a igreja pequenina,
Abria como uma lágrima do céu!
Como uma nufla de capela e veu,
Que estivesse a esperar
O novo que se foi para não mais voltar...

Pelas tardes serenas,
Em sardnia,
Pouca um rumor de penas...
São dias... não as ristes andorinhas,
Que vão falar de sonhos marinheiros,
E de fadas marinhas,
Aninhadas na folha dos coqueiros.
O sino tange. O som do sino é como um sa,
Que pela praia vai
A se perder... Do alto da tarde desce...
Quilquer coisa de prece...
— São as aves marinhas
E a canção original dos jangadeiros,
Que levaram assim... dias inteiros
de pescarias...

Minha história de amor ficou também contigo,
Branco menino amigo,
Na água do mar, na luz do sol, na voz do vento,
Há de sentir que está meu pensamento.
Ninguém te entende mais do que a minhahã,
Que em sonhos, noite calma,
Como um fantasma errante,
Vai te brigar distante...

Agora és muito linda...
Alva praia de Olinda,
Cordão todo o mar de vigas e batéis...
— Mar me escravo de ti, vem te beijar os pés
— Milagres — que é que tem teus coqueiros aninhados
Que estranha emoção ao pôr do sol revelas!...
Quanta esperança vem no fumo dos navios!
Quanta saudade vai no óndico das velas!...

(Luz de mesa antiga)

MEU PAI

Como que o velho: — o chapéu caído
Sobre a cabeça branca, de algodão
Boscaudo o campo, o dia mal nascido,
Voltando a casa, o dia em escuridão...

Lavrador, fez da terra o ideal querido,
"Meu filho, a terra é que nos dá o pão",
Dizia-me. E cavava comovido
A terra aberta para a plantação.

Mas num dia, em menino, vi cavando
Sede pedinos de campo, soluçando,
Uns homens rudes... (Tempo que lá vai!)

"Francisco, adust!" clamavam, repetindo
Meu pai desceu de branco... ia dormindo...
Fechou-se a terra... E não vi mais meu Pai...

(Neste chalo de entechas)

AS BARCAÇAS

As barcaças do cais estão cansadas,
Amarradas,
Ancoradas...
As brancas velas enroladas, enroladas e pendidas,
Como braços de enfadadas...
No negror da noite escura,
Que a água do cais faz mais escura,
Brilha apenas a luz boça,
Daça e triste, dos santinhos a ocular...
As barcaças do cais estão cansadas,
Devem de estar muito cansadas,
Mensageiras devotas
Desta Vida pelo mar...

Mas vêm do mar alto... Foram longe, longe, longe...
Levaram roupas para as crianças,
Levaram trigo para os enfermos,
Vinhos e jóias para os felizes,
Madeiras para tálmios e ataudos...
Dias seguidos
Nouzes seguras
Eas levaram a navegar...
Sofreram o insulto das tempestades,
Sofreram o embate das águas loucas,
E o abismo doido, nas noites mortas,
Das velhas ventos do Mar!

Muitas vezes, no lúxico de um céu baixo, de luar,
As barcaças, velas brancas, todas brancas de luar,
Pareciam navegar... semblão de casar...
Quais vezes, desmoriçadas,
Secudidas pelas fúrias dos medonhos vendavais,
Sob o céu sem uma estrela,
As barcaças, atiradas de pavor,
Eram esquifes navegando,
Pela Morte no negror...

Os barqueiros contam que ouvem, nessas noites,
Vozes soltas, pelas águas, a chainar...
São as vozes conhecidas
Dos partidos companheiros,

Que afundaram, no mar alto, sem voltar...
— Oh, as almas dos barqueiros que morreram,
e deixaram suas nuflas a esperar!
— Oh, as almas dos barqueiros que morreram,
e deixaram mãos vellinhas a esperar!
— Oh, as almas dos barqueiros que morreram,
e deixaram filhos orfãos a esperar!...

Eas cantam no vento aos que vão pelas águas
Eas gritam no vento aos que vão pelas águas
Eas choram no vento aos que vão pelas águas...

E as barcaças vão andando, vão rumando, sem parar,
"Rosa Branca"
"Navegante"
"Luz do Dia"
"Flor do Mar"
Levando roupa para as crianças,
Levando trigo para os enfermos,
Vinhos e jóias para os felizes,
Madeiras para tálmios e ataudos...

Por isso, agora, compreendo,
essa triste exaustão em que vos encontras,
velhas barcaças, amarradas,
ancoradas,
fatigadas,
na noite escura,
no cais...

(Camilo Esquivel)

Nesta vida, tudo cansa,
Até a própria Esperança
Comigo tanto esperou,
Que de esperar se cansou...
E quando foi, foi com tudo,
Nem a Saudade deixou...

(Camilo Esquivel)

TU E O VENTO

Ontem, vi o Vento brincando com os teus cabelos,
Estavas na praia, sentada na areia, e olhando o Mar...
Olhavas as velas, perdidas, ao longe, na esteira do Mar...

O vento trançava seus dedos de seda, brincando contigo,
Puxando os cabelos por sobre o teu rosto,
Puxando os cabelos por sobre os teus olhos,
Beijando-te doido, perdido de amor!...

Picaste xangada, com o vento, e te arguento,
E eu vi que Ele abria seus braços de seda,
Cobriu-te de abraços...

Picaste amuada, prendendo os cabelos,
Prendendo o vestido, mas rindo, gostosa,
Cada em seus braços...

Ah, minha Mãe Preta, que outrora contava
Histórias de Fadas... Histórias de Amor!...
Tu bem que dizes que o Vento era um Príncipe,
Quasado, atrevido,
E conquistador...

4-1-1922

(Camilo Esquivel)

ELA ANDOU POR AQUI

Ma andou por aqui... Andou...
Luz de Mesa

Que ela andou por aqui, tudo proclama,
Serras verdes de ao longe, e céus azuis...
E como foi que da altura se derrama,
Recebeu seu olhar na sua luz.

Por esse bosque em flor que o dia inflama,
Releu, chorando, os versos que compôs
E esta sombra — loucura de quem ama! —
Teve-a a seus pés... Ouvi naquela cruz...

Bebeu daquela fonte a água sadia,
E os Deuses desta imensa claridade,
Ofertaram-lhe a laça da Alegria...
Por aqui, viu sua alma reviver...
— E tudo isso que dá tanta saudade,
Deu-lhe força — ai de mim! — de me esquecer!...

Araxá — 1922.

(Camilo Esquivel)

CAVALO DA VIDA

Cavalo da Vida passou na carreira!
Num salto de equestre, garboso, e montado...
Deitei-me a comprido, peguei-lhe nas crinas,
Cavalo da vida, de fúria dobrado.

Por força que eu faça, não pára, nem cessa,
Transpondo num vôo florida campina,
Profundos abismos, pulando penhascos,
Furando florestas, rasgando impossíveis,
No louco arremesso, brutal dispersão!

O vento que zunz não pode alcançá-lo,
Nem há precipício que o faça deter!

Mas ali já me sinto sem forças, vencido,
Os olhos cansados me estão a fechar...
Mal ouço o zunido do vento que corta,
Mal vejo a paisagem veloz perpassar...

Presente que o doido galopa nas nuvens,
Que a terra me foge!!! Que, enfim, vou tombari
Hô-lô! Para! Para!
Que doida corrida,
Cavalo da Vida! Cavalo da Vida!

(Camilo Esquivel)

O MILAGRE DE NOSSA SENHORA APARECIDA

"No ano de 1719, os pescadores, e entre eles,
Domingos Garcia, Felipe Pedrosa e João Alves
tiveram ordem de apañhar no rio Paraíba a
maior quantidade de peixe possível para o Conde
de Assumar — Dom Pedro de Almeida, gover-
nador das Minas — São Paulo. Corria infrutífera
a pescaria, quando, após reiterados lances, por
muitas horas, já desaperançados os pescadores,
João Alves atirando a sua rede, apañhou de
fundo do rio a Imagem da Aparecida, encha-
do-se milagrosamente os barcos de peixe".

Os homens não tinham peixe
Para o Conde de Assumar.

Os barcos dormiam nas águas escuras
Do rio deserto... E os barcos subiam
Nas águas escuras do rio deserto...
Tornavam subindo... descendo... a tomat
Lançavam as redes... Puxavam as redes...
E as redes vazias! Sem nada a pescar!

Os homens não tinham peixe,
Para o Conde de Assumar.

Domingos Garcia, caboco valente,
Com os braços de ferro, tocava a empunha
A triste canoa, sem nada pescar.
Pedrosa gritava para os companheiros,
Que longe corriam as águas escuras
Do rio deserto...

"Oh, lá, companheiros
Oh, lá, canoeiros!

Que novas a dar?! Que novas a dar?!
E a mesma resposta caia na noite,
Nos barcos vazios, sem nada a pescar...

Os homens não tinham peixe,
Para o Conde de Assumar.

João Alves, afilto, já sem esperança,
Olhando as estrelas, se pôs a rezar:—
"Santíssima Virgem! Tem pena de mim!...
Rainha Celeste! Tem pena de mim!...
— E's Dona dos peixes, que moram nas águas!
Orderna que venham encher nossos barcos!
Que um só dos teus grilos nos pode salvar!...
Dá-nos peixe pra Dom Pedro,
Para o Conde de Assumar!

E a rede atirando, com punho de madeira,
A rede nas águas se abriu em estrelas,
Caiu... Pôu-se fundo... (João Alves chorava,
João Alves rezava, tocado de fé!...)
Puxou de mansinho que a rede pesava...
"São peixes!" — dizia, São peixes, santos,
Que Nossa Senhora tem pena de mim!..."

Mas oh, luz estranha que vem dentro a rede!
E' Nossa Senhora quem vem dentro a rede,
Do pobre, do humilde, feliz pescador,
Que louco de alegre se pôs a gritar:—

Oh, lá, Canoeiros!
Oh, lá, Companheiros!

Oh, lá, pescadores que estão a pescar!
Milagre! Milagre! fazei vossos lances,
Que Nossa Senhora já me apareceu!

E os homens todos locados
De uma alegria sem par,
Encheram barcos de peixe,
Para o Conde de Assumar.

25-5-1921

(Camilo Esquivel)

CANÇÃO

Eu vi a estrela da Manhã,
Tomar a forma de mulher,
E vir banhar-se à água do rio...

Eu vi seus olhos muito verdes...
Eu vi seu corpo muito branco,
Na água a brincar como uma flor...

Mas como eu era bem menino,
Ninguém no fato acreditou...
— "Foi o menino que sonhou..."

Oh meu amor dos olhos verdes!
De corpo branco aberto em lírios...
Dona gentil desta canção!...

Meu lindo sonho de mulher!
Bem sabes tu que não menti...
Bem sabes tu que eu vi... Eu vi!...

(Camilo Esquivel)

VELA BRANCA

Vela branca! Vela branca!
Que vai lá longe... no mar...
Quem me deu, vela branca
Que me quisesses levar,
Para tão longe... tão longe...
Que eu não pudesse voltar...

Mas uma vez, vela branca,
Que me não queres levar,
Para tão longe... tão longe...
Que eu não pudesse voltar...
Leva-me a saudade dela
Para o mais fundo do mar...

(Camilo Esquivel)

Algumas páginas das "Memórias de um Sargento de Milícias"

(Continuação da página 151)

nava-as, e continuava o seu trabalho.

A comadre fazia quase exatamente os mesmos cálculos por sua parte, e também ali essa única dificuldade se antolhava à realização de seus planos.

Enquanto estas duas pensavam, os outros dois ouviam.

Luizinha e Leonardo haviam relatado o antigo namoro; e quem quiser ver coisa de andar depressa e ver namoro de viúva.

Na primeira ocasião Leonardo quis recorrer a uma nova declaração; Luizinha porém fez o processo sumário, aceitando a declaração de há tantos anos.

Com que os vícios, viam-se os dois muitas vezes, e dispunham seus negócios.

Infelizmente ocorria-lhes a mesma dificuldade: um sargento de linha não podia casar. Havia talvez um meio muito simples de tudo remediar. Antes de tudo, porém, os dois amavam-se sinceramente; e a

ideia de uma união definitiva lhes repugnava.

O amor os inspirava bem.

Esses núpcios de que falamos, essa caricatura da família, então muito em moda, e seguramente uma das coisas que produziram o triste estado moral da nossa sociedade.

Essa dificuldade demorava os dois. Entretanto o Leonardo arrou um dia o salvação, e veio comunita a Luizinha o meio que tudo remediava: podia ficar ele sendo soldado e casar, dando baixa na tropa de linha, e passando-se no mesmo posto para as Milícias.

A dificuldade, porém, estava ainda em arranjar-se essa baixa e essa passagem; Luizinha encarregou-se de vencer esse embaraço.

Um dia em que estava sua tia a rezar no seu rosário juntamente num daqueles intervalos do Padre-Nosso a Ave-Maria de que acima falamos, Luizinha chegou a si e comunicou-lhe com confiança tudo que havia, fazendo proceder sua narração da seguinte declaração, que cortava a questão pela raiz:

— Para lhe obedecer e fazer-lhe o gosto, casei-me uma vez e não fui feliz; quero ver agora se acerto melhor, fazendo por mim mesmo nova noção.

Em breve, porém, conheceu que fora inútil sua precaução, porque D. Maria confessou que de há muito ruminava aquele mesmo plano. Combinaram pois as duas.

A bondade do maior inspirava-lhes muita confiança, e lembraram-se por isso de recorrer a ele de novo.

Foram ter com Maria-Regalada, que mesmo na véspera lhos tinha mandado dar parte que os mudara da Prainha, e oferecia-lhes sua nova morada.

A comadre, de tudo inteirada, fez parte da comissão.

Quando entraram em casa de Maria-Regalada, a primeira pessoa que lhos apareceu foi o major Vidigal, e o que é mais, o major Vidigal em hábitos menores, de rodada e tumbados.

Ahi disse a comadre em tom malicioso, apenas apeteceu a Maria-Regalada, pelo que vejo lhos por aqui vai bem...

— Não se lembra, respondeu Maria-Regalada, daquele segredo com que obtive o perdão do meu? Isso era latão...

A Maria-Regalada tinha muito tempo relatado aos desejos antigos que nutria o maior de que se viesse definitivamente morar em sua companhia. Não atribuiu esta resistência senão a "carilicho", para não fazermos mais juízo de ninguém; e caso o que o maior punha naquilo o maior empenho; teria lá suas razões.

O segredo que a Maria-Regalada dissera ao ouvido do maior no dia em que fora acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir ao Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o que o maior.

Está pois explicada a benevolência desta para com o Leonardo, que fora ao ponto de, não ao distorcer e obter o perdão de todas as suas faltas, como de alcançar-lhe aquele acesso de posto.

Fica também explicada a presença do maior em casa da Maria-Regalada.

Depois disto entraram todos em conferência. O maior desta vez achou o pedido muito justo em consequência do fim que se tinha em vista. Com a sua influência tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dois papéis: um era a sua baixa de tropa de linha, outro sua nomeação de Sargento de Milícias.

Além disto recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual se chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho, do que se achava religiosamente intacto.

Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo à cerimônia a família em peso.

Daqui em diante aparece o retorno da medalha. Segue-se a morte de D. Maria, e do Leonardo-Pateta, e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparamos aos leitores, fazendo aqui ponto final.

ALGUMAS FONTES SOBRE ADELMAR TAVARES

Academia Brasileira de Letras — Anuário, notadamente o de 1942.

— Carlos Chiachio — A Tarde — de 25-10-1939 — Baía.

— Carlos Porto Catreiro — Jornal do Comércio — de 4-12-1912.

— Da Costa e Silva — Correio da Manhã — de 30 de novembro de 1923.

— Hermes Fontes — Gaceta de Notícias — de 5-12-23 — Toga Desusada.

— João de Barros — Um poeta da simplicidade — Jornal do Brasil — de 19-12-37.

— Laudelino Freire — Discurso recebido Ademar Tavares na Academia Brasileira de Letras — Discursos Acadêmicos, v. 3.

— Mario Loko — Registo Literário — Jornal do Brasil de 27 de dezembro de 1934 — de 25-4-37 — e de 12 de maio de 1939.

— Pereira da Silva — Jornal do Comércio de 9-5-39 e Jornal Pequeno, de Recife, de 17-2-36.



ADELMAR TAVARES

Ademar Tavares é filho de Francisco Tavares da Silva Cavalcanti e de D. Maria Candida Tavares. Nasceu no Recife, em 18 de fevereiro de 1888, e com um mês de idade foi levado, para Goiânia, em companhia de sua família. Teve aos sete anos o primeiro professor, Candido Duarte, que mais tarde voltou a ser seu mestre. Na escola o professor Honório Monteiro fez os estudos primários, e no colégio de Francisco Araújo Filho — ambos em Goiânia — fez os secundários. Mudou-se então para o Recife e matriculou-se, internamente, no Instituto Ginasial Pernambucano, de Candido Duarte. Foi quando cursava o Instituto Ginasial Pernambucano que revelou sua vocação poética, fazendo ele parte do Grêmio Literário Virgílio Marques e publicando em A Palavra — o jornalzinho dos alunos do estabelecimento — seus primeiros trabalhos. Durante o curso académico foi redator do "Jornal Pequeno", de Tom Gibson. Em 1909 era bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, e se transferia para o Rio de Janeiro.

Em agosto de 1910 ingressava na Justiça como promotor público da capital federal. Em 1918 era nomeado curador de Resíduos e Testamentos; em 1921 Curador de Orçãos; em 1940, desembarçador. E' professor da Faculdade de Direito do Estado do Rio, onde rege a cadeira de Direito Penal. De 1925 a 1930, ocupou o cargo de advogado do Banco do Brasil, tendo tomado parte, como representante dessa instituição, no Conselho Superior de Comércio e Indústria. De 1927 a 1930 pertenceu ao Conselho dos Patrimônios do Ministério da Justiça, tendo substituído ali o professor Esmeraldino Banteira.

E da Academia Brasileira de Letras, onde ocupa a cadeira n. 11, patrono Fernandes Varela, tendo ali substituído João Luiz Alves. Pertence ao Instituto da Ordem dos Advogados, a Sociedade Brasileira de Criminologia, a Comissão Brasileira de Cooperação Intelectual do Itamarati.

Bibliografia da poesia de Ademar Tavares

Ademar Tavares tem publicado as seguintes livros:

- Descantes — Trovas. Recife — 1907 — E' um livro hoje raríssimo, e foi feito em colaboração pelos estudantes Carlos Esteves, Manoel Monteiro, Moreira Cardoso e Silveira Carvalho. Numerosas de suas trovas são da autoria de Ademar Tavares.
- Luz dos meus olhos (Miriam). Verso. — Rio — 1911.
- Noite cheia de estrelas — Verso. — Rio — 1923.
- Noite Cheia de estrelas. Luz dos meus olhos (Miriam). — Poesias — 166 páginas — Empresa Gráfica Editora Pau-

la Pongetti e Cia. — Rio — 1928.

— Trovas — Coleção de Poemas de Amor organizada sob a direção de Renato Travassos — Editora Guanabara — Rio — s. d.

— O Caminho enturcado — Versos. 1932.

— O Caminho enturcado. — Versos — Nova edição aumentada. 142 páginas — Irmaões Pongetti Editores — Rio — 1937.

— O Caminho enturcado — Terceira edição aumentada — 142 páginas — Livraria Editora Freitas Bastos — Rio S. Paulo.

Ey e min l' alma.

*Ando de há muito pressentindo,
que o meu nobre vai parar...
Cangado estou, como quem cansa,
de carregar uma arcação,
que a alma do meu Poeta é uma crea-
ção...
façam meus luto em "margaritas"
que se parecem com as estrelas...
Cubram-me todo, todo, delas.*

*Cangados ambos, do-caminho,
842, - de olhar sem ver a vida,
- e em de-trai-la... de-tan-ter...
De sons as palpebras fechando,
Nós dois estamos... Ela, e eu...
Deseja este velho para a terra...
Suba a criação para o céu...
1939-*

Um autógrafo de Ademar Tavares